

Desafios enfrentados pelo processo de alfabetização pós-pandemia no 2º ano do fundamental

Caroline Katlin da Silva Santos¹

Cinthya Torres Melo²

Maria Fernanda dos Santos Alencar³

RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar resultados de pesquisa e compreender os desafios enfrentados no processo de alfabetização na pandemia e no pós-pandemia no 2º ano do ensino fundamental, em uma escola municipal de Camocim de São Félix. As categorias teóricas estudadas são: o processo de alfabetização escolar, nas perspectivas de Teberosky e Ferreiro (1986); Ferreiro (1999); Braggio (1989); Soares (2003; 2009; 2020) e Freire (1983; 1986; 1989; 2009); Educação na pandemia e pós-pandemia trazendo contribuições de Behar (2020), Rondini (2020) e Kohan (2020). Pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo descritiva, foi aplicado Questionário para coleta dos dados com os sujeitos participantes através do *Google Forms*. Os resultados apresentaram alguns desafios no processo de alfabetização no contexto da pandemia e pós-pandemia: ausência de contato entre docentes e discentes, a participação e o acompanhamento da família e o atraso que a pandemia trouxe em relação à aprendizagem relativa ao processo de alfabetização. Os jogos pedagógicos e leituras variadas foram estratégias anunciadas para trabalhar as dificuldades quanto à alfabetização das crianças no retorno das aulas remotas.

Palavras-chave: Alfabetização, Pandemia e Ensino Fundamental.

DATA DE APROVAÇÃO: 27 de setembro de 2023.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o processo de alfabetização das crianças deve acontecer até o segundo ano do ensino fundamental com o intuito de assegurar o direito básico de aprender a ler e a escrever. A partir do momento que a criança demonstra compreensão dos sons e observação das palavras, significa que ela está a caminho da alfabetização. Se o aluno for capaz de se comunicar utilizando a escrita, significa que ele é alfabetizado. O primeiro ano pertence a um processo que começa na pré-escola e se encerra aproximadamente no terceiro ano.

Com a pandemia do Covid-19, tudo ficou mais complicado porque a relação presencial passou por um processo de resignificação devido ao distanciamento social. Diante disso, essa pesquisa busca compreender os desafios enfrentados pelo processo de alfabetização pós-pandemia no 2º ano do fundamental. É imprescindível que até esse ano de ensino seja fornecida a aprendizagem necessária para que as crianças sejam alfabetizadas no tempo certo, a fim de que possam ingressar no terceiro ano já com as habilidades e competências necessárias para a consolidação e o aprofundamento da leitura e da escrita de textos nas diversas áreas do conhecimento escolar.

A importância de se compreender os desafios enfrentados na pós-pandemia dá-se pelo fato da pandemia do Covid-19 ter ocasionado inúmeros transtornos não só para saúde e a economia, mas também para a educação. Durante o período de pandemia, como forma de prevenir a disseminação do vírus, as aulas foram suspensas em seu formato tradicional, ou seja, presencialmente, passando a acontecer de forma virtual do dia para a noite, algo que ninguém esperava, ou estava pronto para vivenciar; nem os professores e muito menos os alunos.

Nesta perspectiva, tornou-se importante investigar como está se dando o processo de alfabetização após a pandemia em uma escola municipal de Camocim de São Félix (PE), localizada na área urbana no centro da cidade que atende as etapas da Educação Infantil, do Ensino Fundamental- anos iniciais e a EJA.

A principal motivação como justificativa pessoal para o desenvolvimento deste estudo parte de experiências que foram vivenciadas durante alguns estágios obrigatórios curriculares do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPE – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA), Estágio Supervisionado 1- Educação Infantil e Estágio Supervisionado 2- Ensino Fundamental, realizados à distância durante o ensino remoto na pandemia, no período de agosto de 2021 e abril e maio de 2022. Nesse processo foi possível observar que, apesar de muitos esforços dos professores(as) e, também dos alunos, os processos de ensino e aprendizagem foram prejudicados em conteúdo, presença, atividades e processos de compreensão gerados pelo sistema remoto na pandemia.

Observou-se uma pressão muito maior sobre os professores porque foi um período em que os alunos mais precisaram de atenção e de acolhimento, pois vivenciaram vários medos: o da doença, o novo processo de ensino e aprendizagem e o isolamento dentro de casa. E durante esse período, a interação com os alunos, a autonomia deles, a avaliação da aprendizagem, a organização da sala de aula virtual, as atividades e de tantas outras situações estavam entre os maiores desafios enfrentadas pelos docentes, os quais não tiveram nenhuma formação adequada

e específica para esse tipo de situação; entretanto, tiveram que se adaptar rapidamente ao contexto do trabalho emergencial remoto.

Como justificativa social, esta pesquisa que tem como objeto de estudo a alfabetização na pós-pandemia, com uma preocupação social mais abrangente do que a prática de leitura e de escrita aprendida na escola, pois de acordo com Paulo Freire (1983), “alfabetização é mais, muito mais do que ler e escrever. É a habilidade de ler o mundo”, ou seja, a aprendizagem é um processo contínuo no qual a leitura e a escrita colocam o sujeito no centro de seu aprendizado com um sentido direcionado para dentro e para fora dos espaços da escola. E é de extrema importância que esse processo aconteça de fato na teoria e na prática, porque infelizmente tem acontecido a passagem das crianças pelo processo de alfabetização sem conseguirem alcançar a fase alfabética de escrita e de leitura ao final do segundo ano escolar.

Diante disso, a justificativa acadêmica está na reflexão de como, futura pedagoga, é muito importante analisar quais são os desafios da alfabetização após a pandemia uma vez que, neste momento final de formação acadêmica, poderei contribuir de forma mais efetiva com os espaços escolares municipais e seus esforços para vencer os desafios nesta área da alfabetização na pós-pandemia. Isso porque como discente, eu pude também vivenciar as exigências do ensino remoto como, por exemplo, a habilidade dos professores diante das novas tecnologias e práticas de ensino. Diante desta realidade, me deparei com vários professores que não sabiam o básico da tecnologia e isso acabou dificultando o ensino e a aprendizagem, porque a pandemia impõe o uso de recursos tecnológicos por dois anos consecutivos.

Neste viés, a pesquisa não apenas responderá uma indagação minha, mas também permitirá que possamos conhecer um pouco como está o processo de alfabetização atualmente em 2023, tendo a pandemia e o ensino remoto durado de 2020 a 2022. Neste sentido, busca-se evidenciar os desafios deixados pela pandemia e o que tem feito os(as) professores(as) para contorná-los. Diante disso, a questão que problematizamos aqui na pesquisa é: **quais os desafios enfrentados no processo de alfabetização pós-pandemia no 2º ano do ensino fundamental?**

O pressuposto é que os desafios da pós-pandemia para a alfabetização escolar envolvem aspectos diversos os quais situam as crianças em variadas fases da psicogênese da escrita: nível pré-silábico, silábico sem valor sonoro e com valor sonoro, silábico-alfabético e silábico. Considera-se que esses desafios precisam ser superados para que os alunos possam de fato não só passar pelo processo de alfabetização, mas concluir a etapa destinada a esse processo alfabetizador. Entretanto, também se considera que para superá-los pressupõe o envolvimento de toda a comunidade escolar para preservar o presente e o futuro dos alunos da pós-pandemia.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é compreender os desafios enfrentados no processo de alfabetização durante e pós-pandemia no 2º ano do fundamental na escola municipal de Camocim de São Félix e os objetivos específicos são: 1) Identificar os desafios do processo de alfabetização enfrentados pelos professores na pandemia e na pós pandemia; 2) Elencar as estratégias utilizadas pelas docentes para ultrapassar os desafios enfrentados no processo de alfabetização e 3) Identificar pontos positivos e negativos do ensino remoto e as experiências desenvolvidas pelos (as) professores(as) no período da pandemia.

2. O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR

A psicogênese da língua escrita é o caminho que as crianças percorrem na apropriação da língua escrita, voltando-se para a compreensão de como elas aprendem. Pesquisa feita por Emília Ferreiro e Ana Teberosky, nos anos 1970, possibilita compreender a alfabetização não como um método simples a ser seguido pelos professores para que as crianças memorizem e se apossem do alfabeto, mas como um processo complexo e multifacetado cognitivamente que ocorre quando as crianças se apropriam do sistema de escrita alfabética. Por meio dos estudos dessas autoras, a psicogênese da língua escrita descreve como as crianças se apropriam da cultura escrita; entretanto, não prescreve uma metodologia, ou inventa práticas pedagógicas de alfabetização.

Neste sentido, os estudos da psicogênese da língua escrita fornecem um instrumento ao professor para aferir os conhecimentos linguísticos das crianças, tornando possível compreender que, a partir da escrita espontânea, a criança pensa sobre as regras que constituem o sistema de escrita, ou seja, a criança se apropria e internaliza o seu conhecimento. Ferreiro e Teberosky (1986) pontuam que buscaram compreender como o cérebro de uma criança funciona durante a aprendizagem da língua escrita e quais eram as explicações que as crianças davam para a escrita, como é que as mesmas imaginavam como as coisas funcionavam.

As pesquisas da Psicogênese da Língua Escrita mostraram que as crianças passam por fases bem definidas nesse processo de aprendizagem, isso não significa que todas passem por todas as fases de maneira uniforme. O processo é dinâmico, ocorrem saltos e as crianças estão sempre em transição entre as fases exigindo dos educadores muita atenção e sensibilidade. No primeiro momento do processo da alfabetização, as crianças não sabem que o que se representa são os sons das palavras e não as coisas sobre as quais a gente fala, aquilo a que a palavra se refere. Quando se pede para a criança escrever alguma coisa, ela desenha, essa fase chama-se icônica, ou seja, a criança representa a escrita através de um desenho; e ela realmente acha que escreveu.

Com isso, a fase seguinte, considerada como um avanço representa a descoberta da criança sobre a sua produção escrita. Elas começam a perceber que não estão desenhando, estão fazendo outra coisa; e, em geral, como elas veem as pessoas escrevendo com letra cursiva, fazem a hipótese, uns riscos, umas garatujas, umas linhas e isso é escrever. Nesse momento, a criança ainda não consegue perceber que a palavra é som, esse é um grande salto na alfabetização. É comum pensarmos que uma criança tem sérias dificuldades de alfabetização, porque ela ainda não percebeu que as palavras representam som e não objetos.

Para que ocorra um salto significativo nesse processo, é preciso trabalhar com atividades que levem a criança a prestar atenção ao som. Ao levantar dedos diferentes para cada sílaba falada, a criança percebe mais claramente a divisão da palavra em pedaços e a relação desses com o som. Esse trabalho é fundamental para auxiliar a criança a passar das fases icônica e garatuja para a escrita com letras. A intervenção dos educadores deve ajudar ao aluno a perceber que as letras representam som nas palavras, deve também orientar o educando a avançar para a fase silábica sem valor sonoro, ou seja, escrever uma letra para cada sílaba, independentemente da letra que escreva. Para essa finalidade, os professores pedem para que os alunos leiam o que escreveram, apontando os pedacinhos que identificaram oralmente.

Conforme pesquisa da Psicogênese da Língua Escrita, em geral, a criança, nessa etapa da alfabetização, se orienta pela quantidade de letras. Então, por exemplo, se os professores pedirem para os alunos escreverem a palavra “pé”, podem escrever três letras ou mais, se a palavra é grande, ele vai escrever várias letras. Essa fase se chama pré-silábica. A fase seguinte, a pré-silábica é a fase silábica sem valor. Nesta, a criança é capaz de perceber os pedacinhos, as sílabas, da palavra. Nessa fase é fundamental que o/a professor/a trabalhe com a consciência fonológica, dividindo palavras em sílabas, batendo palma para cada sílaba da palavra.

Com isso, a criança é levada a perceber a palavra não só como som, mas também a perceber que esse som pode ser dividido em partes. Quando ela começa a perceber a segmentação da palavra, já observa tanto as letras quanto as sílabas que a palavra tem. Essa fase é a silábica. Nesta a criança escreve uma letra para cada sílaba, mas ainda é um silábico não fonetizado, ou seja, não ocorre ainda a relação com o som da palavra. A criança põe qualquer letra, mas não com relação ao som; é o silábico sem valor sonoro. Esse caminho é lento, mas os alunos vão percebendo que a palavra é som, que o som é segmentado e que a letra registra o som. Os alunos já são capazes de colocar para cada sílaba uma letra que é um fonema da sílaba. Nesta fase, o objetivo é ajudá-lo a identificar uma letra que represente um dos sons da sílaba, ou seja, orientar o aluno para que o mesmo avance para a fase silábica com valor sonoro.

Logo, o/a professor (a) realça os sons das sílabas para que a criança perceba e identifique a letra que os representa. Se os alunos forem escrever a palavra borboleta por exemplo, irão escrever um “o” do “bor” outro “o” do “bo” um “e” do “le” e um “a” do “ta” e então, se tem uma série de vogais (o, o, e, a) para a criança está escrito borboleta, e se os professores pedirem para que façam a leitura, irão ler a palavra indicada corretamente, fazendo uso do dedo em cima de cada uma das letras. E isso acontece porque o som, que se destaca na sílaba, na nossa língua, na nossa ortografia, é a vogal e, nesse processo, a criança escreve o fonema que se destaca.

Braggio (1989), corroborando com as pesquisas sobre a Psicogênese da Língua Escrita, refletindo de forma muito significativa a respeito da experiência com a alfabetização, chama a atenção para que, antes de tudo, seja necessário sermos conscientes e sensíveis, porque a alfabetização é um processo de aprendizagem por meio do qual os alunos desenvolvem a capacidade de ler e escrever; e isso está relacionado com a função social da leitura e da escrita e, por isso, não pode ser apenas mecânico. É preciso alfabetizar letrando, inserindo socialmente a leitura e a escrita nas suas fases de aprendizagem de modo a fazer sentido. Soares nos fala que:

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 2009, p.47)

Alfabetizar com letramento se configura como processos complexos que devem caminhar juntos e com certeza é um desafio, mas extremamente necessário. Algumas propostas de ensino priorizam a alfabetização e outras o alfabetizar com letramento. Portanto, embora fique claro que sejam processos distintos, são indissociáveis na aprendizagem inicial da língua escrita. De acordo com Soares (2003), "Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno", fazendo com que o mesmo seja capaz de se apropriar da escrita crítica para que dessa forma possam agir e interagir diante dos diversos contextos sociais, pois de acordo com a autora é inútil aprender uma técnica e não saber usá-la.

Diante disso, podemos tomar como exemplo a divisão das palavras em sílabas, uma coisa é você dividir a palavra apenas falando ME-NI-NO e outra coisa é você além de falar, utilizar os dedos, porque ao mesmo tempo você está associando-as com o sistema numérico e você está concretizando a compreensão para a criança de que os três sons estão ali. É uma forma de concretizar a compreensão da segmentação da palavra, o que aos poucos vai libertando a crianças e fazendo com que ela assimile naturalmente esse aprendizado, pois isso passa a ser uma operação cognitiva que foi apoiada em algo concreto inicial.

Para Soares (2003):

A alfabetização, além de representar fonemas (sons) em grafemas (letras), no caso da escrita e representar os grafemas (letras) em fonemas (sons), no caso da leitura, os aprendizes, sejam eles crianças ou adultos, precisam, para além da simples codificação/decodificação de símbolos e caracteres, passar por um processo de “compreensão/expressão de significados do código escrito” (SOARES, 2013, p. 16).

Nos dois primeiros anos do ensino fundamental é comum as crianças terem dificuldades na percepção dos sons de sílabas tais como: a) consoante + vogal + consoante e b) consoante + consoante + vogal. Tais sílabas costumam apresentar dificuldades porque as crianças estão habituadas a escutarem o som e colocarem uma letra e, de repente, quando ela fala “pra” é complicado, porque são dois sons juntos em uma única sílaba e a criança consegue perceber que tem um P e um R, mas ela não sabe onde os colocar.

Segundo Ferreiro (1986) quando uma pessoa com conhecimento em música escuta um acorde, ou uma orquestra, essa pessoa é capaz de entender se num determinado momento entrou uma flauta ou algum outro instrumento. Já o que não tem conhecimento escuta tudo junto e não é capaz de identificar as partes, porque para esse é a mesma coisa. A autora ainda explica que isso acontece com a criança, e essa é uma comparação que a pesquisadora faz com o processo fônico da alfabetização. A criança consegue perceber o fonema que já é um grande avanço. Essa análise, elaborada por meio de metáfora, ajuda a criança a entender que é um som novo que entrou, que ‘se intrometeu’ numa sílaba. No percurso da aprendizagem, os professores criam procedimentos que facilitam a compreensão das crianças em pontos fundamentais desse processo.

Com isso, se a criança não é alfabetizada na idade correta, sua trajetória escolar será algo bem complicado, porque ela apresentará muitas dificuldades em acompanhar e aprender os diferentes componentes curriculares. Segundo Magda Soares (2020), a alfabetização proporciona ao sujeito a capacidade de ler e escrever, pois é o processo pelo qual a pessoa adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo, ou seja, ela permite que se tenha o domínio de técnicas para exercer a arte e a ciência da escrita e também do desenvolvimento de novas formas de compreensão e interpretação e uso da linguagem de uma maneira geral e sempre socialmente situada. Dessa forma, é preciso, também, não só saber ler e escrever, mas ler e escrever em situações específicas, fazer uso de forma autônoma e crescer através dessa apropriação. É nesse sentido que Paulo Freire (1989) já nos ensinou há bastante tempo que a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Além disso, Freire (1983) pontua que a alfabetização é um ato fundador, onde se aprende de forma crítica, e o educando entende que ler e escrever é uma necessidade e que ele

é o executor dessa aprendizagem, ou seja, o conceito de alfabetização para Freire vai além do domínio do código escrito. Para este autor “[...] o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem.” (FREIRE, 2009, p.60).

Dessa forma, podemos perceber que Freire tem uma visão de que enquanto sujeitos, devemos ser seres ativos e não passivos, a sua ideia de que a escola deveria superar a educação bancária é um dos seus conceitos mais conhecidos, “Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 1987, p. 66). A educação bancária que Freire retrata é a que o professor é quem possui todo o conhecimento e o aluno é um repositório vazio, sem conhecimento algum; nessa compreensão o professor vai depositando conhecimento.

Para Freire (1987), o processo de ensinar e de aprender é semelhante a uma via de mão dupla, pois ocorre uma troca de conhecimentos e que através desse processo o (a) professor (a), além de transmitir o conhecimento, também aprende com o educando e dessa forma a educação é entendida como um processo dialógico, ou seja, ninguém sabe de tudo sozinho, sempre é possível aprender uns com os outros.

Logo, é essencial aprender a ler o mundo e entender o significado das coisas. E esse processo também requer que se tenha comprometimento com as necessidades dos alunos para que essas sejam reconhecidas e é fundamental escolher um método que colabore com a fase em que o aluno se encontra, pois é um processo escolar de aprendizagem no qual podem, ou não, serem formados leitores que irão se tornar críticos diante do mundo que os rodeia.

Na década de 1980, Emília Ferreiro (1986) fez uma pesquisa com crianças que não estavam aprendendo a ler e a escrever e estavam fora da escola, crianças de 4 a 6 anos. E com isso, a autora descobriu que as crianças tinham várias hipóteses de como a escrita funcionava a partir do contato com os pais, com a escrita em uso social. Ferreiro conseguiu estabelecer algumas hipóteses até chegar à ideia de que a escrita é uma representação da fala. Existe uma série de convenções relacionadas à escrita que devem ser transmitidas, então se não tem alguém ou um adulto transmitindo essas convenções, possa ser que alguma criança até aprenda, mas em geral a linguagem oral é aprendida na interação.

Sabe-se que a criança não chega à sala de aula vazia de conhecimentos e saberes no que se refere a sua vida; então, devemos aproveitar todo o conjunto de informações que já carregam. Neste sentido, é possível e necessário fazer na etapa inicial escolar, no 2º ano, uma avaliação diagnóstica no início das aulas para verificar como e em quais estágios de desenvolvimento

estão os estudantes no processo de alfabetização e como podem ser estimulados para alcançar outros níveis de leitura e de escrita na escola. Logo, esse diagnóstico é de suma importância, principalmente na pós-pandemia quando outras propostas pedagógicas de trabalho, elaboração de projetos e unidades avaliativas devem ser pensadas, estruturadas para avançar na alfabetização das crianças e procurar trabalhar e desenvolver o que não foi possível no período de pandemia.

As atividades desenvolvidas pela escola possibilitam, para além da compreensão para a importância da leitura e da escrita, o desenvolvimento cognitivo e a socialização das crianças, conforme posto por Soares (2020). Já no remoto, na pandemia, tudo teve que ser aligeirado, pois não houve tempo necessário de repensar as práticas pedagógicas que se inseriram nas demandas da tecnologia e de outros tempos pedagógicos estranhos ao cotidiano da escola, no modelo presencial, repercutindo nos resultados do processo de alfabetização infantil.

A escola tem a função educativa e o papel social de alfabetizar, porque a alfabetização é um direito e por meio dela a criança aprende a ler e a escrever o mundo a partir do que a escola ensina e do que ela vive fora da escola. Compreender os desafios atuais da alfabetização escolar pós-pandemia é criar condições para que escola, professores(as) e familiares tenham igualmente condições de trabalharem juntos para poderem vencer os desafios dessa nova realidade educacional e social.

Atualmente, podemos identificar variados métodos para a alfabetização, cada escola utiliza as estratégias pedagógicas que lhe parecem mais favoráveis e produtivas para alcançar os objetivos pedagógicos da alfabetização de forma a garantir, com qualidade, a continuidade da escolarização. Diante dessa realidade e finalidade, o importante é sempre ensinar com amor e humanização levando em conta a bagagem do contexto escolar, social e cultural que a criança carrega.

Nessa perspectiva, podemos compreender as razões pelas quais as crianças correspondem positivamente a certos métodos de alfabetização e a outras não. No 1º e 2º anos iniciais do fundamental deve ser trabalhada a construção do sistema alfabético e ortográfico para haver no terceiro ano uma consolidação de todo esse processo que aconteceu nesses dois anos anteriores. Esse período de fortalecimento da alfabetização faz com que o(a) professor(a) trabalhe a fluência da leitura no terceiro ano, porque ajudará na interpretação e na compreensão dos textos mais complexificados deste ano escolar.

Com isso, eis outra razão para que os desafios da alfabetização sejam conhecidos, debatidos e pedagogizados na escola a fim de que a recuperação dos dois anos online, que impossibilitam com qualidade esse processo tão importante para o desenvolvimento das

crianças, possa ser feita para além do mais breve possível na escola e, com a ajuda da família das crianças, alcançar os objetivos propostos nessa etapa do trabalho escolar.

A pandemia quebrou abruptamente essa socialização e esses espaços de escolarização presencial e com essa quebra houve as descontextualizações da aprendizagem e os descompassos do ensino. E, atualmente, com o retorno das aulas presenciais pós-pandemia tem sido ainda mais difícil, porque as crianças, que estão passando por esse processo, são as mais prejudicadas pelo ensino remoto de 2 anos. E acertar esse ritmo ficou para dois anos depois da pandemia, ou seja, em 2022, um espaço temporal já marcado pelas discrepâncias na alfabetização das crianças.

3. EDUCAÇÃO NA PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA

Os processos de ensino e aprendizagem foram prejudicados e talvez esses prejuízos se estendam por muito tempo. Durante a pandemia houve mudanças radicais no cenário da educação, as escolas fecharam suas portas e o mundo entrou em quarentena. Os gestos de amor e carinho de uns para com os outros se tornaram uma ameaça, pois o vírus fez com que um abraço, um beijo e até mesmo um simples aperto de mão se tornassem uma ameaça para a vida humana. Com isso, se fez necessário sair o menos possível de casa, o que dificultou bastante o processo de ensino e aprendizagem, trazendo impactos e prejuízos significativos.

Behar (2020) nos diz que o ensino remoto trouxe outro modelo de ensino, propondo um distanciamento físico entre professores e alunos. E a partir disso, as aulas foram acompanhadas por computadores e/ou celulares, eram ao vivo ou gravadas e os professores tiveram que alterar o plano de aula de acordo com o contexto atual para que pudessem ser atrativas a ponto de manter o foco dos alunos e despertar a curiosidade e o desejo de aprender.

Ou seja, os professores deixaram a sala de aula para gravarem áudios, passaram conteúdos do papel para Web e, com isso, trabalharam dobrado, muitos deles sem possuir uma formação adequada para buscarem estratégias pedagógicas compatíveis para esse novo modelo de ensino. Com isso, o ensino presencial perdeu a exclusividade, estamos em plena era da conectividade, da internet, do *YouTube*, de aplicativos; enfim, são muitos recursos que fazem toda a diferença e que são essenciais para nós. Todavia, como já foi colocado, toda essa conectividade da internet também trouxe seus desafios para a educação da alfabetização escolar e como resultado

As mudanças no sistema educacional tiveram que ser realizadas rapidamente, de sorte que, de um dia para o outro, os professores precisaram transpor conteúdos e adaptar suas aulas presenciais para plataformas on-line com o emprego das Tecnologias

Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), sem preparação para isso, ou com preparação superficial, também em caráter emergencial (RONDINI,2020, p. 43).

A partir disso, surgiu a inquietação em saber como ficou o nível de aprendizagem, pois as circunstâncias dificultaram bastante para que o ensino remoto se desse de forma eficaz e lúdica. Nesse contexto, podemos entender que as dificuldades não ficaram só por parte dos alunos, mas também dos professores. Esse período de ensino remoto exigiu dos professores habilidades com a tecnologia e os recursos da informação, algo que a maioria não tinha.

Com isso, vemos que a questão socioeconômica dos alunos foi algo decisivo naquele momento, ou seja, essa nova realidade, infelizmente não foi favorável para todos os alunos, pois nem todos têm acesso à internet e aos equipamentos eletrônicos necessários. Diante dessa desigualdade, fica óbvio que ainda se tem um grande caminho que precisa ser percorrido e que mesmo com tantos avanços tecnológicos, estar por trás de uma tela principalmente para crianças em processo de alfabetização, nunca será o suficiente, porque não substitui o contato físico presencial e as condições de um ambiente alfabetizador como os que devem ser propiciado pelas escolas. De acordo com Kohan:

a insubstituível presença de professores e de professoras que não podem ser substituídos(as) por quem não está preparado para isso e menos ainda por sistemas tecnológicos autoprogramáveis executáveis; a inescusável necessidade de formar os e as docentes atuantes nas escolas para que possam ser os e as docentes que desejam ser; [...] a impossibilidade de se fazer escola sem corpos presentes [...] a importância de a escola ter um espaço próprio, separado, apartado das outras instituições sociais (KOHAN, 2020, p.5)

O desenvolvimento humano depende da interação social, pois a mesma tem uma contribuição fundamental. Por trás das telas não tem como saber se os alunos estão conseguindo de fato acompanhar determinado assunto, se eles realmente estão conseguindo aprender. Como o próprio nome já fala, os anos iniciais do ensino fundamental são fundamentais, porque é quando o aluno inicia o seu processo de alfabetização, ou seja, quando o mesmo começa a se apropriar da leitura, escrita e cálculo.

Para as famílias que tinham condições socioeconômicas diferenciadas e acesso tecnológico, pode-se dizer que foi uma consequência positiva com a efetividade do ensino remoto. Houve uma maior aproximação entre escolas e famílias; e essa aproximação fez com que fosse possível os professores terem um maior contato com os pais, porque geralmente nem todos podiam comparecer nas reuniões presenciais e, dessa forma, os mesmos não precisariam se deslocar de suas casas, visto que a maioria geralmente trabalha durante o dia, dificultando assim a participação na vida escolar dos seus filhos.

Com isso, os docentes conseguiram acompanhar como estava se dando a participação dos pais no processo de aprendizagem dos seus filhos, pois a escola, naquele momento, buscou

mais do que nunca um trabalho em equipe dos pais com a mesma, de forma que houvesse participação e colaboração. O espaço escolar foi substituído pelo espaço familiar, e em muitos casos entrou-se não apenas no campo da relação ensino e aprendizagem, mas também no cotidiano das famílias, pois com o fechamento das escolas se fez necessário que o convívio social nesse sentido fosse temporariamente interrompido, criando-se outras relações de convívio.

Mas, salienta-se que o ambiente escolar é fundamental no processo de ensino e aprendizagem, porque ele vai influenciar diretamente na qualidade e no rendimento do ensino. E durante a pandemia esse foi um desafio muito grande, porque durante as experiências de estágios, se pode ver, na prática, que nem todas as crianças tinham um ambiente exclusivo e adequado para os estudos. É imprescindível que se tenha um espaço de tranquilidade e silêncio para que se tenha foco e concentração, possibilitando um bom desempenho nos estudos.

O ambiente virtual escolar teve que promover eventos de alfabetização de forma que não considerasse apenas como os(as) professores(as) sabiam fazer, mas também como podiam fazer, ou seja, se efetivaram eventos-aulas para fazerem com que as crianças conseguissem saber ler e escrever por meio das tecnologias e não mais do caderno, do quadro, das fichas e do livro didático, com auxílio permanente e presencial dos professores e de toda a infraestrutura da escola de um ambiente alfabetizador. Dessa forma, foi preciso durante a pandemia não somente estímulo, motivação, mas um preparo extraordinário e bastante empenho dos professores e da família para os momentos de leitura e escrita nas aulas virtuais.

Essa ajuda pode vir do pai, da mãe, dos avôs, dos irmãos e do direcionamento pedagógico dos professores que tem a formação profissional adequada para o desenvolvimento das competências escolares. Nesse sentido, mesmo que os educadores não tenham sido os únicos mediadores, propuseram novos redirecionamentos para atingir as finalidades da aprendizagem. Na pandemia, é certo que todos aprenderam juntos, porque não existiu um manual e nem referências bibliográficas de como proceder diante de tal situação, pois ninguém esperava vivenciar uma pandemia.

4. CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

De modo a alcançarmos nosso objetivo geral: compreender os desafios enfrentados no processo de alfabetização durante e pós-pandemia no 2º ano do fundamental, numa escola municipal de Camocim de São Félix, optamos em realizar essa pesquisa numa abordagem de característica descritiva. Segundo Barros e Lehfeld (2007), a pesquisa descritiva ocorre com o

estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem que haja intervenção imediata do pesquisador.

Estudo de abordagem qualitativa (LÜDKE ANDRÉ, 1986; MINAYO, 1998) "[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes" (MINAYO, 1998, p. 21). No que diz respeito à busca das informações referentes aos desafios enfrentados no processo de alfabetização durante e pós-pandemia no 2º ano do fundamental, fizemos uso do questionário do *Google Forms*. Esse procedimento foi escolhido por compreendermos que ele pode conseguir um “maior alcance, confiabilidade das informações e maior disponibilidade [...]. Já que o formulário permanece na rede, acessível em diferentes plataformas e pelo tempo necessário” (OLIVEIRA; PENTEADO, 2016, p. 07). Nesse caminho, aplicamos o questionário aos professores(as) do 2º ano do ensino fundamental, de uma escola municipal de Camocim de São Félix. Os dados produzidos por meio do referido questionário foram analisados pelo método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977; GOMES, 1998).

Sendo assim, os dados obtidos foram analisados, categorizados, inferidos e interpretados, buscando atender aos nossos objetivos e ao nosso problema de pesquisa. Cabe ressaltar que para garantir a identidade das participantes, iremos nomear os(as) professores (as) de P1 e P2. Esse procedimento garante que o anonimato de suas identidades seja assegurado, tendo como referência os aspectos éticos da pesquisa (MINAYO, 1998). O questionário contou com perguntas fechadas e abertas buscando atender aos objetivos da pesquisa, tendo as primeiras questões relativas ao perfil dos(as) professores(as). Neste sentido, elaboramos as seguintes questões:

- 1- Qual a sua idade?
- 2- Qual é o seu gênero?
- 3- Qual a sua formação acadêmica?
- 4- A escola pública que você trabalha é de que rede?
- 5- Quais foram os maiores desafios para o processo de alfabetização durante a pandemia?
- 6- Quais foram os maiores desafios para o processo de alfabetização depois da pandemia?
- 7- Quais as estratégias que foram adotadas, para ultrapassar esses desafios?
- 8- Você acha que esses métodos estão sendo eficazes?
- 9- Quais os pontos positivos do ensino remoto?

10- Quais os pontos negativos do ensino remoto?

11- Fale um pouco sobre a sua experiência como Professora durante o período remoto?

Os sujeitos da nossa pesquisa foram duas Professoras do 2º ano do Ensino Fundamental-anos iniciais, de uma escola municipal, a qual chamaremos de escola B. Houve um contato presencial com as Docentes, pois ao falar com a Gestora e solicitar autorização para a realização da Pesquisa, a mesma foi muito receptiva e bastante prestativa e ainda fez questão de apresentar as Professoras que concordaram em participar da pesquisa. Foi uma conversa informal e rápida, mas muito importante e enriquecedora.

Por meio dessa conversa, a Professora do 2º ano relatou que o ensino remoto se deu de três formas: ela gravava vídeos para os alunos; disponibilizava atividades impressas e também realizava aulas online. E a mesma também relatou que alguns alunos não tinham acesso à internet. Assim, não tinham como assistir aos vídeos e nem as aulas online, e com isso os pais iam até a escola para obterem as atividades impressas.

No contato presencial explicamos quem era a pesquisadora, o objeto de estudo e o objetivo da pesquisa. Após esse momento, foi acordado que o link do Questionário seria enviado por e-mail para as Docentes. Após o envio as mesmas tiveram um prazo de 8 dias para responderem. Entretanto, apenas uma delas retornou as respostas do questionário. A professora, a partir de agora identificada por P1, não apresentou nenhuma dificuldade em relação às perguntas que foram propostas. Ela respondeu ao Questionário no mesmo dia em que ele foi enviado.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

Através dos dados coletados, conseguimos obter informações muito importantes da Professora P1. Os resultados serão descritos e analisados de acordo com a estrutura do Questionário, ou seja, por meio de sessões que foram organizadas e montadas através do *Google Forms*, foram cinco seções. A primeira seção se iniciou com um **termo de consentimento**. Nesta seção, a Professora concorda respondendo “Sim”, aceitando, portanto, a prosseguir com a pesquisa. A segunda foi intitulada “**Perfil do (a) Docente**”, a terceira “**Desafios do Processo de Alfabetização**”, a quarta “**Estratégias Utilizadas para o Processo de Alfabetização**” e a quinta “**Pontos Positivos e Negativos do Ensino Remoto**”. A segunda seção foi composta por perguntas referentes ao perfil da Educadora, que nos possibilitou obter algumas informações como: idade, gênero, estado civil e a formação acadêmica dela. A professora tem entre 40 e 50 anos, casada, formada em Pedagogia e Psicopedagogia e atua na Educação Infantil há 20 anos,

e na área da Educação, há 26 anos. Através desses dados, fica evidente que a Docente tem experiência na educação infantil e em lecionar em sala de aula.

Na terceira seção foram elaboradas perguntas para que pudéssemos atender ao objetivo específico 1. Identificar os desafios do processo de alfabetização enfrentados pelos professores na pandemia a pós pandemia na referida escola. Quando questionada “Quais foram os maiores desafios enfrentados por você para o processo de alfabetização durante a pandemia?”, ela respondeu: “A falta de contato com o aluno e a falta de acompanhamento da família na realização das atividades.” (RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO, P1, 2023).

Diante dessa resposta, podemos perceber os quão prejudicados foram os alunos, porque o contato presencial é algo fundamental para o desenvolvimento humano e a pandemia infelizmente rompeu com essa interação. De acordo com Soares (2020), tudo aconteceu muito rápido, num piscar de olhos as práticas pedagógicas precisaram ser modificadas para o formato remoto, algo muito inesperado e que pegou todo mundo de surpresa e sem formação adequada para aquele tipo de situação.

Com isso, a relação dos alunos com os professores foi algo limitado, pois não havia interação presencial, apenas virtual e isso fez com que o aprendizado fosse prejudicado, comprometendo as práticas pedagógicas. A Professora P1 também citou a “falta de acompanhamento da família na realização das atividades.” (RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO, P1, 2023).

Já era complicado o (a) educadora (a) não poder acompanhar o aluno face a face, e mais complicado ainda é o aluno não poder contar com a sua rede de apoio em casa. A pandemia aproximou mais a escola, os alunos e professores, porém trouxe algumas consequências não muito favoráveis como, por exemplo, a ausência do acompanhamento familiar.

Porém, vale salientar que muitos pais possuem um nível educacional bastante limitado, trabalham a maior parte do tempo e não conseguem dar o suporte necessário para os seus filhos como queriam e deveriam. Neste sentido, consideramos importante a parceria entre a escola e os pais, porque os alunos necessitam dessas redes de apoio, entretanto foram tempos difíceis que fizeram com que essa parceria fosse algo bem complicado em decorrência de outros fatores e situações como as questões socioeconômicas e de prevenção do vírus, tornando-se algo muito mais presente no cotidiano das pessoas. Ainda na mesma seção, para descrever os desafios na pandemia e pós-pandemia a Professora P1, respondeu que “Fazer com que o aluno acompanhe as atividades e ter que lidar com o atraso causado pela pandemia”. (RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO, A1, 2023) foi e ainda está sendo um elemento de prejuízo ao desenvolvimento do processo de alfabetização das crianças.

Conforme analisamos, atrasar o processo de alfabetização na idade certa compromete o processo de aprendizagem. A escola agora mais do que nunca precisa aproximar mais a família que precisa se envolver mais no processo de aprendizagem dos filhos e utilizar estratégias pedagógicas para que seja assegurada a alfabetização das crianças. Não dá pra seguir em frente e agir como se esses dois anos de pandemia não tivessem acontecido.

Logo, é importante ressaltar sobre que Ferreiro (1986) pontua a respeito da importância da interação com a família. Segundo a autora em geral, a linguagem oral é aprendida nessa interação e como a mesma foi limitada, nesses primeiros anos pós-pandemia é necessário a identificação das dificuldades de aprendizagem, e de afinamento com essas famílias. Pois as mesmas nunca estiveram tão perto das dificuldades de aprendizagem dos seus filhos.

Pois como a Docente relatou, os desafios pós-pandemia são: falta de acompanhamento da família nas atividades; atraso na aprendizagem e ausência de interação da família com a escola. Esses desafios que já existiam antes, com a chegada da pandemia acabaram se intensificando ainda mais. Isso nos leva a analisar a quarta seção, e as respostas ao seguinte questionamento “Quais as estratégias que foram adotadas para enfrentar os desafios durante a pandemia e pós-pandemia?” e a Professora P1 respondeu: “Tentei resgatar o prejuízo, focando em leituras variadas e alguns jogos que despertassem o interesse dos alunos”. (RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO, A1, 2023).

Diante disso, entendemos que a alfabetização precisa ser vista como um processo em que a pessoa se torna capaz de refletir e de pensar sobre essa língua, e não como uma simples transmissão. Então, quando a Docente fala que está focando em jogos pedagógicos, ela está saindo do convencional, ou seja, está buscando novas estratégias para que se consiga atingir a finalidade posta a escola, o de alfabetizar as crianças.

Neste sentido, os jogos pedagógicos têm um papel importante no processo de aprendizagem, porque aproximam a criança de inferências realizadas por elas para novas descobertas, motivando-as a aprender, a descobrir, a pesquisar e a buscar relações do seu mundo para o mundo em que vivem. Assim, elas podem refletir sobre o que estão fazendo, com os jogos que estão brincando, ajudando-as, no processo de alfabetização, a viver experiências qualitativas que têm de pensar e nesse contexto pensar sobre a língua.

A partir dessa estratégia, segundo Leão (2015, p. 650)

A criança demonstra, a partir do lúdico e da brincadeira, interesses e gostos, desenvolve suas emoções e sua expressividade, a capacidade de resolução de problemas e desafios, construindo, assim, sua identidade; é uma coisa séria e não algo para “passar o tempo”, como muitos equivocadamente pensam.

A escola em seu papel formador e responsável pelo processo de escolarização da criança necessita ter essa compreensão e, a criança necessita ser ouvida no que gostam de ler, de brincar, mesmo pequenos. Ferreira (1999, p. 47) relata que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”, ou seja, o processo de alfabetização começa em casa, e é isso que vai construindo competências e habilidades. E isso é levado para a sala de aula onde ocorre a participação da família, de toda essa construção, dessa adaptação curricular. Não é uma adaptação, de fato, formal, mas é uma adaptação para que a aprendizagem e alfabetização de fato ocorra.

E ainda nessa mesma seção, P1 foi questionada sobre a eficácia das estratégias que estão sendo desenvolvidas. Ela respondeu que “Embora tenha me esforçado em correr atrás do prejuízo, acredito que foi eficaz, mas a pandemia deixou muitas sequelas e fica difícil de alcançarmos nosso objetivo, pois não temos muito apoio da família e isso continua dificultando o nosso trabalho”. (RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO, P1, 2023). E mais uma vez a docente pontua sobre a importância da participação da família na vida escolar dos educandos. Neste sentido, fica evidente que a falta de acompanhamento dos familiares impacta de forma muito significativa. E mediante essa dificuldade e desafio Costa e Bittar nos fala que:

A família exerce grande responsabilidade no processo de aprendizagem das crianças, sendo ela o próprio grupo social que a criança é inserida, esta, se torna responsável pelas primeiras relações sociais e culturais, sendo assim parte fundamental para a construção do caráter desse indivíduo. (COSTA; BITTAR, 2016, p.2)

Compreende-se, nesse sentido que, a partir do momento em que a criança nasce, a mesma é moldada de acordo com os costumes da família, tudo o que ela aprende refletirá no seu “eu” do futuro. Na quinta e última seção do questionário, P1 citou um ponto positivo e um ponto negativo do ensino remoto. Referente ao ponto positivo, a mesma respondeu que “Tanto os professores quanto os alunos aprenderam a lidar com a tecnologia”. (RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO, P1, 2023). Embora, a tecnologia seja parte constante em nosso cotidiano, ela ainda não era utilizada, principalmente nas escolas públicas, como um caminho para o processo de alfabetização/escolarização de crianças.

E nem fazia/faz parte do processo de formação inicial de professores. P1 como posto no perfil tem mais de 20 anos de atuação na educação infantil e sempre atuou no formato presencial. Além da ausência da formação docente, havia a própria situação socioeconômica e cultural das famílias das crianças que não viam ou veem nas tecnologias um espaço de aprendizagem escolar. Foi novo e repentino para os pais das crianças e para os docentes que atuam em todas as etapas e modalidades da educação básica. Foi um redescobrir de necessidades, desafios e expectativas em torno de outro fazer docente.

Neste sentido, foi algo desafiador, porque não foi dado nenhum auxílio e suporte referente ao uso dos recursos tecnológicos. Tudo aconteceu muito rápido e não houve tempo para se preparar. Referente ao ponto negativo do ensino remoto, a Professora respondeu que “O presencial é insubstituível” (RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO, P1, 2023) e essa resposta dela vai ao encontro do pensar de Kohan (2020), pois deixa claro que o ensino remoto deixou muitas sequelas e que o mesmo sozinho não é suficiente para dar conta do processo de ensino e aprendizagem.

Porém, diante da situação de risco que o mundo se encontrava, foi preciso pensar alternativas, porque não tem como saber se de fato a criança estava aprendendo, se ela estava conseguindo acompanhar o ritmo do ensino, e de modo geral muitas crianças foram afetadas, e acabaram ficando de fora dessa etapa de ensino, pois nem todas dispõem de internet e aparelhos adequados para acompanharem as aulas.

Mediante as análises que foram realizadas, podemos perceber que o cenário educacional vai precisar de um tempo para conseguir sanar as defasagens que a pandemia causou, pois houve um grande atraso na aprendizagem, e isso é algo que não dá para se resolver de um dia para o outro. E em relação às estratégias, a Professora P1 apontou que está utilizando de algumas, como leituras variadas e jogos pedagógicos para conseguir despertar o interesse e a vontade de aprender dos alunos.

Diante disso, com o retorno das aulas presenciais, podemos perceber que um desafio já foi vencido, a falta de contato presencial com o aluno é algo que não existe mais, considerado como algo fundamental para que o processo de ensino e aprendizagem possa acontecer, ou seja, a interação entre professores (as) e alunos. E um ponto positivo diante de tudo isso, é o fato de todos poderem ter tido acesso à tecnologia como um caminho possibilitador do processo de alfabetização e escolarização, embora não seja ainda de domínio de todos os professores e pais o uso das ferramentas propostas para essa finalidade. Assim, se pensa a necessidade de que as chamadas ferramentas tecnológicas da educação sejam acolhidas como um diferenciador no processo de formação escolar.

Logo, a pandemia deixou sequelas que não poderão ser vencidas de forma rápida, mas a longo prazo, pois houve um atraso no processo de aprendizagem, atraso esse que acaba comprometendo o desenvolvimento das crianças em relação ao processo de alfabetização, ou seja, ler e escrever fluentemente. Foi relatado pela Professora P1 que mesmo após a pandemia, a escola ainda tem uma grande carência em relação a participação da família na vida escolar dos alunos. Esse é um fator que merece a atenção dos sistemas de ensino, porque a presença da família é algo necessário e importante na construção do conhecimento e na formação das crianças.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender os desafios enfrentados no processo de alfabetização na pandemia e pós-pandemia no 2º ano do fundamental, em uma escola de Camocim de São Félix no período da pandemia e após a pandemia do covid-19 durante o acontecimento das aulas remotas, tendo como questionamento: **quais os desafios enfrentados no processo de alfabetização pós-pandemia no 2º ano do ensino fundamental?**

Com base nos dados que foram coletados no questionário, foi possível refletir essa questão, pois foram apresentados alguns desafios no processo de alfabetização no contexto da pandemia e pós-pandemia. E esses desafios se deram mediante a falta de contato entre docente e discente, a participação e o acompanhamento da família e o atraso que a pandemia trouxe em relação a aprendizagem relativo ao processo de alfabetização.

Mesmo tendo os recursos tecnológicos como grandes aliados porque, através deles, foi possível dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem, houve, conforme apresentado pela docente e autores estudados desafios. Dentre eles, visualizamos a busca por métodos e estratégias que fossem compatíveis, atrativos e eficazes, pois em situação de aulas remotas, não é nada fácil despertar e prender a atenção dos alunos. Nesse período, outro fator foi verificado, os alunos tiveram a necessidade de um contato maior com as ferramentas e recursos tecnológicos, isso fez com que a dependência pelos mesmos aumentasse cada vez mais.

Outro fator que se associa aos desafios está na aproximação e interesse das crianças em relação ao uso das tecnologias e ausência de condições socioeconômicas da família para subsidiar aulas remotas, as crianças dos anos iniciais do fundamental geralmente não estão habituadas com uso da tecnologia para finalidades ligadas a atividades educacionais escolares, mesmo muitas estando familiarizadas com ela. Durante a pandemia a educação para todos acabou não acontecendo, pois diante das condições socioeconômicas dos alunos de escola pública, principalmente, muitos deles acabaram sendo excluídos. Nem todas as crianças possuem celular, então tiveram que utilizar o aparelho de seus familiares de acordo com a disponibilidade dos mesmos.

E com isso, o trabalho da docente tornou-se mais difícil, ou seja, inseriu dificuldades com as quais não estava preparada, porque além de lidar com as dificuldades que normalmente acontecem durante o processo de alfabetização, a docente ainda está tendo que trabalhar além dos desafios postos como a vulnerabilidade socioeconômica da família das crianças e a situação emocional devido a situação do vírus.

Como pressupomos, após a pandemia o ensino presencial acabou sendo bastante afetado pelo ensino remoto e como a Professora P1 relatou, “Embora tenha me esforçado em correr atrás do prejuízo... a pandemia deixou muitas sequelas e fica difícil de alcançarmos nosso objetivo, pois não

temos muito apoio da família e isso continua dificultando o nosso trabalho”. (RESPOSTA DO QUESTIONÁRIO, P1, 2023).

Por outro lado, observamos um esforço da docente em encontrar caminhos para os desafios postos. Os jogos pedagógicos e leituras variadas foram estratégias anunciadas por P1 para trabalhar as dificuldades quanto a alfabetização das crianças no retorno das aulas remotas. Muitos autores, dentre eles citamos Bortoni-Ricardo (2005) que colocam essas duas estratégias como possibilidades para o desenvolvimento de habilidades de leitura/escrita, no sentido de contribuir para o objetivo da alfabetização. Nesse contexto, os jogos em sala de aula e leitura com gêneros textuais diversificados surgem como uma ferramenta de apoio e como metodologia diferenciada que favorece a motivação e os interesses dos alunos.

Entretanto, sentimos a ausência nas respostas de P1 quanto a responsabilidade dos sistemas de ensino em promover processos de formação que discutam a realidade vivenciada por docentes que atuam nas primeiras séries do ensino fundamental. Sabemos que alfabetizar não é uma tarefa fácil, mesmo no ensino presencial. Envolver conhecimentos diversos e sensibilidade quanto a enxergar as crianças e seu processo de formação, suas vidas, seus saberes, suas inferências de vida e suas dificuldades.

Dessa forma, fica evidente a importância de que outros estudos e pesquisas possam ser realizados referente a essa temática, porque ela é essencial depois de passarmos por uma pandemia que durou dois anos e que vai levar muito tempo para que as coisas voltem ao que denominamos de normal.

7. REFERÊNCIAS

BARROS, Aidil Jesus da Silveira & LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3º Ed. Editora: Makron. 2007.

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977

BEHAR, Patricia Alejandra. **O ensino remoto emergencial e a educação a distância**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a--distancia/> . acessado em 01/10/2022.

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Nós chegamos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.

BRAGGIO, Silvia L.B. (1989). **Alfabetização como um processo social complexo**: análise de como ela ocorre entre os Kaingang de Guarapuava, Paraná. *Trabalhos em Linguística Aplicada* 14: 155-170. Campinas, SP: UNICAMP

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

COSTA, Rayane Tayná Virginio. BITTAR, Karina dos Reis. Família e Escola- **Uma Relação Necessária no Processo de Aprendizagem Infantil**. GOIAS, 2016. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/ciced/article/view/8780/6285> Acesso em: 30 jul. 2023.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. In: **Revista Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-9, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.16212.067.

LEÃO, Marjorie Agre. O uso de jogos como mediadores da alfabetização/letramento em sala de apoio das séries iniciais. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 44 (2): p. 647-656, maio-ago. 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/1001/583/2842>

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1996.

RONDINI, C. A., PEDRO, K. M.; DUARTE, C. dos S. Pandemia do covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. **Revista Educação**, 10(1), 41–57. 2020. Disponível em <<https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57>> Acesso em 27 de jul de 2023.

SOARES, Magda. Alfabetização: a ressignificação do conceito. In: Alfabetização e cidadania. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, n. 16, São Paulo, 2003.

SOARES, Magda **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Magda. **Desenvolvimento e aprendizagem na apropriação do sistema de escrita alfabética**. In: Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e escrever. 1. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. Cap. 2, p. 51-59.

OLIVEIRA, George Wilber de Bessa; PENTEADO, Adriane de Lima. **Análise social dos alunos da UTFPR Campus Ponta Grossa: sua proveniência geográfica e integração à comunidade acadêmica**. Ponta Grossa: UTFPR, 2016.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE DO CAMPUS
DO AGRESTE**

FOLHA DE APROVAÇÃO DO TCC

CAROLAINÉ KATLIN DA SILVA SANTOS

**DESAFIOS ENFRENTADOS PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA
PÓS- PANDEMIA NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco –
UFPE, como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado(a) em Pedagogia.

Caruaru, 27 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cinthya Lúcia Martins Torres Saraiva de Melo Núcleo de Formação
Docente/CAA - UFPE
(Orientadora)

Profa. Dra. Maria Fernanda dos Santos Alencar Núcleo de Formação Docente/CAA -
UFPE (Co-Orientadora)

Prof. Me. Marcos Antônio Soares da Silva
(Examinador Externo)

Profa. Ma. Maria Eduarda dos Santos Alencar
(Examinadora Externa)